

Enciclopédia para formar leitores: A cultura na gênese do *Caderno de Sábado do Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1969)¹

Everton Terres Cardoso e Cida Golin

Resumo: O *Caderno de Sábado*, suplemento cultural do *Correio do Povo*, circulou de setembro de 1967 a janeiro de 1981 em Porto Alegre. O presente artigo discute como se configura a noção de cultura na gênese do suplemento (1967-1969), considerando seu caráter enciclopédico e a proposta de formar culturalmente o leitor. A Análise de Conteúdo das 111 primeiras edições possibilitou a observação do ecletismo temático; do equilíbrio entre o universal e local; da alternância entre memória e atualidade; e da participação do *Caderno de Sábado* na constituição dos campos intelectual, acadêmico e artístico locais. O veículo traduzia duas acepções do termo cultura: o ideal iluminista de formação pelo jornalismo e a noção romântica alemã de elevação do espírito por meio da proximidade com as letras, artes e humanidades.

Palavras-chave: *Caderno de Sábado*, *Correio do Povo*, Suplementos culturais, História do jornalismo no RS, Jornalismo cultural.

Abstract: *An encyclopedia to form readers: culture in the genesis of Correio do Povo's Caderno de Sábado (Porto Alegre, 1967-1969).* *Caderno de Sábado*, *Correio do Povo's* weekly cultural supplement, circulated in Porto Alegre from September 1967 to January 1981. This article discusses how the notion of culture is represented in the genesis of the supplement (1967-1969), considering its encyclopedic nature and its proposal to offer readers a cultural education. A content analysis of the first 111 editions revealed its thematic eclecticism; the balance between the universal and the local; the alternation between memory and the present; and the supplement's participation in the constitution of the local intellectual, academic and artistic fields. The supplement expressed two meanings of the word culture: the Illuminist ideal of education through journalism and the German romantic notion of spiritual elevation through proximity to Literature, Arts and Humanities.

Keywords: *Caderno de Sábado*, *Correio do Povo*, Cultural supplements, History of journalism in Rio Grande do Sul, Cultural journalism.

¹ Este trabalho foi inicialmente desenvolvido como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (UFRGS) defendida em 30 abr. 2009.

Introdução

O surgimento do *Caderno de Sábado*, suplemento cultural do *Correio do Povo*, encontrou no Rio Grande do Sul uma intelectualidade ávida por difundir seu pensamento e sua produção literária. O encarte circulou semanalmente entre 30 de setembro de 1967 e 10 de janeiro de 1981, assumindo a função que outros periódicos – como a revista *Província de São Pedro* (1945-1957) da Editora Globo – haviam desempenhado: divulgar o pensamento intelectual e atualizar Porto Alegre com a produção acadêmica, literária e artística de outros lugares. O projeto fora idealizado pelo crítico de cinema e editor P. F. Gastal e pelo jornalista Osvaldo Goidanich, mas ficou engavetado por meses antes de ser lançado. Quando posto em prática, foi de última hora, em poucos dias, depois de uma conversa de corredor com o diretor do jornal, Breno Caldas (DILLENBURG, 1997; GASTAL, 1996).

O *Correio do Povo* foi o jornal de maior importância em Porto Alegre no século XX e sua repercussão extrapolava o alcance estadual. A veiculação de um caderno dedicado a temas culturais guarda uma relação com o caráter formador e distintivo dos suplementos semanais dos jornais brasileiros de circulação nacional, que tiveram seu auge nos anos 1950. O presente artigo discute como se configura a noção de cultura na gênese do *Caderno de Sábado*, considerando seu caráter enciclopédico e a proposta de formar culturalmente o leitor. Esse projeto editorial transparece nos primeiros anos de circulação do suplemento (1967-1969) por meio da escolha e edição dos temas, da forma como são abordados e também da imagem que o encarte procurava criar de si mesmo.

Formação cultural nas páginas dos jornais

O jornalismo cultural em suplementos semanais se configura como um espaço no qual o jornalístico tem suas definições e delimitações praticamente destruídas. A notícia factual e a reportagem convivem com o texto literário, o ensaio analítico, a crítica e a resenha. Não há compromisso de definições muito precisas. Sua lógica interna, que permite aprofundar o tratamento dado aos temas, leva o ideal iluminista do jornalismo de formar o leitor a um grau dificilmente visto nas publicações de circulação diária. O jornalismo cultural, portanto, tem adjetivo que o define a descrição da gama de temas, abordagens e objetivos que engloba. Esses são traços que, em grande parte, se originam do percurso semântico do vocábulo ‘cultura’.

Desde o século XVII, nas línguas francesa e inglesa, o termo já era associado a uma locução adjetiva que o distanciava de sua acepção original agropastoril – ‘cultivo da mente’, por exemplo. Na França, nos anos 1700, a palavra era usada como sinônimo de civilização e representava os ideais de progresso, educação, evolução e razão, típicos do Iluminismo (WILLIAMS, 2000).

O movimento romântico alemão, ao reagir a esse viés racionalista, associou a noção de cultura às expressões artísticas e literárias. Estas, por sua vez, tornaram-se um meio de aperfeiçoamento e educação do homem, cujo fim é a Unidade ou o Absoluto. Daí a sua sacralização e a sua imagem ligada à formação cultural do indivíduo (NUNES, 1985).

A ideia de cultura carrega, portanto, a ênfase no “espírito formador”, evidenciado em manifestações como a estética, a linguagem e o pensamento (WILLIAMS, 2000). Quando vista como cultivo da mente, a palavra descreve tanto o estado mental desenvolvido – cultural – de uma pessoa quanto as atividades culturais, as artes e o trabalho intelectual do homem. Cultura é, portanto, um ideal a ser alcançado e o meio para se chegar até ele.

O vocábulo adquiriu novas acepções ao longo do século XX, quando o mercado apropriou-se da produção cultural e passou a tratá-la como mais um segmento passível de comercialização no espaço do entretenimento e do lazer. A produção em larga escala, junto ao potencial de consumo, adquiriu caráter significativo na composição do valor dos bens simbólicos (EAGLETON, 2005).

Contudo, a possibilidade de distinção do sujeito dentro de uma sociedade ainda passa pela arte, quando esta é sinônimo de desenvolvimento intelectual e artístico. Pierre Bourdieu (2007), ao pensar como as classes sociais se distinguem umas das outras, explicita o quanto a posse, o conhecimento e a fruição das produções artísticas são objetivações desse processo. O autor ressalta a “competência cultural” como fator de distinção: trata-se do consumo legítimo de obras legítimas. Produto da origem familiar e da educação escolar, essa aptidão permite ao indivíduo distinguir-se dos outros por suas tomadas de posição estética.

Entre as instituições que tomam para si a responsabilidade da formação cultural, podemos encontrar o jornalismo. A prática jornalística, ainda que tenha sido sempre marcada pela interferência de interesses empresariais e políticos, tem como missão original concretizar o ideal de esclarecimento (MORETZSOHN, 2007). Sendo assim, o jornalismo assume o projeto típico da modernidade inicial “ilustrada”: as manifestações julgadas mais valiosas devem ser conhecidas e compreendidas pelos grupos sociais por intermédio da educação e dos meios de comunicação. Em suma, o jornalismo adota a noção de cultura com uma dupla conotação: a ideia iluminista de um bem desejável para todos, que deve ser difundido amplamente, explicado e tornado acessível; e o cercamento e ênfase nas manifestações artísticas e intelectuais herdada do Romantismo alemão.

Ao defenderem essa missão educativa e cultural, os jornais acumulam capital simbólico. O leitor, que provavelmente não tem acesso a toda a produção cultural de forma direta, tem a possibilidade de ter pelo menos a “cultura do jornal”. Assim, possuir, ler e colecionar uma publicação é um testemunho objetivado de bom gosto, de cultura.

O jornalismo, pois, coloca-se como instância capaz de converter o conhecimento hermético e esotérico dos códigos artísticos e do discurso acadêmico em linguagem mais próxima do público. Participa de uma complexa e intrincada rede de relações entre

produtores, divulgadores e consumidores de bens culturais cujos vínculos e relações estão atravessados por fatores econômicos, sociais e políticos. Além disso, no interior do campo da produção cultural são travadas lutas que acabam tendo algum tipo de reflexo no discurso jornalístico.

Como o jornalismo apaga o seu modo de produção e se posiciona como um domínio capaz de reproduzir a realidade, a sensação que o leitor-ouvinte-espectador tem é que no veículo jornalístico há um retrato do campo da produção cultural em sua totalidade. Nesse contexto, o jornalismo assume o caráter de mediador. Coloca-se, então, como ponte entre o que se produz e o que se consome, entre o autor/artista e o leitor/espectador.

Os suplementos semanais de cultura

O jornalismo cultural dos suplementos semanais deve muitas de suas características aos folhetins e rodapés, aos cadernos e páginas femininas e às revistas literárias e ilustradas que circularam no fim do século XIX e início do século XX (ABREU, 1996; CHAGA, 2000). De acordo com Abreu (2006), os anos 1950 foram, no Brasil, o auge dos cadernos semanais de literatura e cultura. Nessa época, crescia o público leitor e o mercado de bens culturais começava a se solidificar. Em 1956, surgiram os dois suplementos que permaneceriam como referência para o contexto brasileiro: o *Suplemento Literário*, de *O Estado de S. Paulo*, e o *Suplemento Dominical*, do *Jornal do Brasil*. Ambas as publicações veiculavam expoentes das letras nacionais e mantinham estreita relação com os círculos intelectuais de seus locais de origem, além de abrirem espaço para a produção intelectual oriunda das universidades.

Veículos mistos, cujo formato oscilava entre o colunismo e a revista literária (SÜSSEKIND, 2003), os suplementos tiveram como fatores determinantes para sua configuração a periodicidade de publicação, o espaço dado aos textos e o perfil dos autores (SILVA, 1998). Outra característica marcante era o estabelecimento de uma relação quase fetichista com seus leitores, tão fiéis ao ponto de colecionarem as edições.

Os suplementos também formavam “redes de sociabilidade” (ABREU, 1996, p. 23). Juntamente com cafés, editoras e revistas literárias, essas publicações congregavam os intelectuais da época. Foram cruciais para a formação do campo intelectual nacional, junto com as universidades, já que aí se cruzaram várias gerações de pensadores. Os textos desses especialistas eram adaptados ao formato, ao espaço e à periodicidade do encarte de circulação semanal. Abreu (1996) divide os suplementos do período entre aqueles cujo foco era a informação e aqueles que primavam pela divulgação de ideias – estas últimas privilegiando o canônico ou o inovador.

Na década de 1960, entretanto, os suplementos foram mudando de feição. Ao sintonizar-se com a nova configuração do sistema de produção de bens culturais, procuraram atingir um público mais amplo, investindo em uma linguagem acessível. Os jornalistas com diplomas, na década de 70, reivindicam o espaço jornalístico, atacando a linguagem hermética, a lógica argumentativa, os jargões e os excessos técnicos dos *scholars* acadêmicos. Visualiza-se ali a necessidade de atender ao leitor médio, público suposto e consumidor de jornais, desatando os laços que haviam unido a crítica universitária e os suplementos, a literatura de invenção e a grande imprensa.

Os encartes semanais de cultura, tal como propõe Santiago (2004), representam um espaço de que o jornal prescindia, ou seja, trazem conteúdo sem o qual o jornal continuaria completo. Esse conteúdo, porém, carrega um caráter formativo na medida em que oferece subsídios ao leitor para melhor compreender a arte e a cultura. Um suplemento distingue-se pela assinatura de quem nele publica e pela temática abordada. Pelo recorte que fazem da cultura, têm uma especialização proporcional ao seu caráter suplementar dentro do corpo total da publicação: não pretendem chegar a todos os leitores do jornal. A pouca quantidade ou mesmo a ausência completa de publicidade, realidade comum a este segmento, também reforça o caráter formador dos jornais, que, por sua nobreza, denega o interesse comercial e valoriza o leitor (TRAVANCAS, 2001). Dessa forma, o jornal diz a seus leitores que, ainda que seja uma empresa, tem objetivos nobres ligados ao conhecimento cultural de seu público.

O nascimento e os bastidores do suplemento

O *Correio do Povo*, fundado em 1895, foi uma novidade para Porto Alegre à época, pois mantinha um regime empresarial e informativo, o que contrastava com os jornais político-partidários e literários independentes, os pasquins e folhas ilustradas que circulavam na cidade nas últimas décadas do século XIX (RÜDIGER, 2003). De acordo com o editorial da primeira edição, pretendia ser um jornal “noticioso, litterario e commercial”. A publicação procurou reafirmar essa intenção apoiando abertamente iniciativas do campo cultural e publicando seções, páginas e suplementos dedicados à cultura.

Nos anos 1960, o *Correio do Povo*, como a maioria dos jornais brasileiros, viu a sua circulação aumentar. Nessa atmosfera de crescimento, o *Caderno de Sábado* substituiu, em 30 de setembro de 1967, as duas páginas semanais dedicadas à literatura no jornal. O novo suplemento circulava com uma média de 16 páginas de tamanho tabloide. Quando os textos extrapolavam uma página, eram distribuídos em páginas duplas ou em séries em edições consecutivas.



Figura 1 - Capa da edição de 4 de maio de 1969, com a configuração que se tornou característica: poemas e a reprodução de uma obra de arte, com convite para a exposição onde esta poderia ser vista.

O nome '*Caderno de Sábado*' foi uma escolha óbvia, segundo Oswaldo Goidanich (DILLEMBURG, 1997). No entanto, a opção deixa muito clara a estratégia editorial: é um encarte à parte do corpo principal do *Correio do Povo* e circula aos sábados, dia livre da semana que pode ser ocupado pela leitura mais extensa e aprofundada. A publicação corporificou uma imagem de cultura até então difusa no corpo principal do jornal e conferiu ainda mais distinção ao periódico. Para o leitor porto-alegrense, o suplemento representava a possibilidade de acesso à produção acadêmica e cultural por meio do diário de maior prestígio na cidade. Para os residentes em cidades do interior, o *Caderno* significava a possibilidade de atualizar-se com o pensamento da capital, o que ampliou o alcance do saber produzido no ambiente universitário e no meio artístico.

A declaração explícita do compromisso da publicação com o leitor surge em textos nos quais o suplemento fala de si mesmo: o *Caderno de Sábado* enuncia sua intenção de pautar as discussões na cena cultural porto-alegrense; posiciona-se como um veículo de divulgação e difusão do pensamento da intelectualidade local e nacional; coloca-se como um defensor da cultura e do patrimônio da cidade; mostra

que é um observador crítico da cena cultural local; valoriza a produção cultural sul-rio-grandense; pressupõe que seu público é instruído e interessado pelos temas apresentados; demonstra a expectativa de que existam colecionadores do suplemento; e retifica erros de edição ou impressão.

Os bastidores de produção também explicam muitas das características do caderno. Ao relembrar como era a redação do jornal, o então repórter Renato Gianuca (2008) descreve-a como um “clube de cultura”, pois lá trabalhavam jornalistas de vasta experiência e intelectuais renomados da cidade. A memória coletiva associa o suplemento a seu editor, Paulo Fontoura Gastal, e o define de forma uníssona como um incentivador, um animador da cultura em Porto Alegre. Influente crítico de cinema e formador de gerações de cinéfilos, o jornalista percebia as expressões artísticas como um meio de elevação espiritual, aproximando-se do ideal romântico alemão.

O *Caderno* também reforçou o papel aglutinador da intelectualidade porto-alegrense exercido pelo *Correo do Povo* na primeira metade do século XX e permitiu o cruzamento de gerações em suas páginas, o que contribuiu para a configuração do campo intelectual sul-rio-grandense, tal como havia ocorrido com o Rio de Janeiro e seus suplementos na década anterior (ABREU, 1996). Segundo José Hildebrando Dacanal (2008), o suplemento “reúne o Rio Grande antigo e o que estava nascendo”.

Eclético, cosmopolita e regional

O *Caderno de Sábado* normalmente é associado ao ecletismo temático, à atualidade e à universalidade. Por meio de Análise de Conteúdo (AC)² das 111 edições publicadas em 1967, 1968 e 1969, procurou-se verificar em que medida essas impressões se comprovam na análise da autoria dos textos, nos temas e nas referências temporais e geográficas. Para dar suporte às inferências formuladas a partir da AC, foram usadas técnicas de história oral temática³ em entrevistas com autores de textos publicados no *Caderno de Sábado*⁴.

Poemas, crônicas e textos ficcionais foram excluídos da análise temática, bem como da classificação por data e local. A presença desses escritos aproxima o suplemento da literatura. Esses trabalhos de caráter literário compõem 35% dos 2.120 textos analisados.

² Conforme Bardin (2004).

³ De acordo com Meihy (1996).

⁴ O depoimento do Prof. Dr. Antônio Hohlfedlt serviu de ponto zero. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com cinco dos colaboradores que tiveram mais de 10 textos publicados no período abrangido pelo corpus: o poeta Armindo Trevisan, o crítico literário Carlos Jorge Appel, o folclorista João Carlos Paixão Côrtes, o crítico José Hildebrando Dacanal e o jornalista Renato Gianuca.

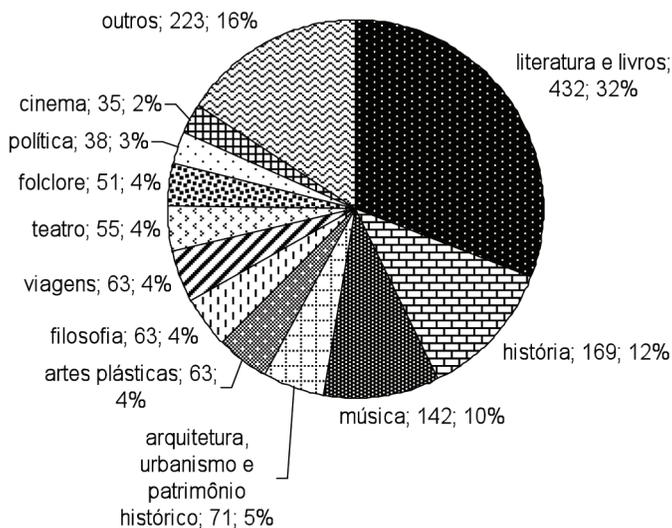


Gráfico 1 – Tema; número absoluto; porcentagem do total de 1.405 textos codificados quanto à temática

Entre os temas presentes nos textos, a literatura recebe maior destaque, congregando gêneros específicos como poesia e narrativa curta, além de artigos, ensaios e críticas sobre obras de autores brasileiros e estrangeiros contemporâneos e consagrados. O conto brasileiro e a literatura latino-americana, expressões de relevância no período, ganharam espaço no caderno. Além disso, destacam-se: a formação histórica e o folclore do Rio Grande do Sul; a música erudita e os festivais de música popular brasileira; o patrimônio arquitetônico porto-alegrense; o circuito local de artes plásticas; o teatro engajado política e esteticamente em cartaz na cidade; o cinema estrangeiro autoral; a filosofia e a política internacionais; e viagens feitas ao exterior por personalidades sul-rio-grandenses.

Os autores que tinham textos publicados no *Caderno de Sábado* nos anos 1960 o faziam por diferentes razões e de distintas formas: havia o material que chegava ao *Correio do Povo* por meio de agências das quais o jornal era assinante (as crônicas de Clarice Lispector, por exemplo); alguns eram de colaboradores que já atuavam no *Correio* (casos de Mario Quintana, Renato Gianuca e José Hildebrando Dacanal); e outros eram de especialistas dos campos da produção cultural e intelectual locais (Herbert Caro, Francisco Riopardense de Macedo, entre outros).

Além dos autores brasileiros, o *Caderno de Sábado* reproduzia artigos e ensaios de pensadores internacionais, como Louis Althusser, Kostas Axelos, Paul Claudel e Martin Heidegger. A presença desses textos demonstra a busca pelo universal e cosmopolita. Trata-se de uma universalidade eurocentrista, e que também refletia a ação sistemática no

circuito cultural porto-alegrense de órgãos como o Instituto Cultural Brasileiro-Alemão, a Aliança Francesa e o Instituto Cultural Brasileiro-Norte-Americano. Além do ensino de línguas, essas instituições desenvolviam atividades paralelas que conquistavam as páginas do *Caderno de Sábado*. Exemplo de uma iniciativa do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão que repercutiu no suplemento foi o ciclo de palestras “Filosofia e Literatura”, entre abril e agosto de 1969.

É possível perceber no *Caderno de Sábado* um vínculo estreito com o local. Nos resultados quantitativos da AC, o predomínio absoluto é de referências a temas relacionados ao Rio Grande do Sul (em 263 textos). Entretanto, há abertura para o resto do Brasil e exterior. No caso nacional, Rio de Janeiro (72), São Paulo (27) e Minas Gerais (26) são os estados mais frequentes entre os 17 mencionados. Já no âmbito internacional (491 textos), França, Alemanha e Estados Unidos são predominantes, ainda que haja espaço para vários outros países, tais como Armênia, Bulgária, Guatemala, Paraguai e Japão.

Essa tendência ao local não era nenhuma novidade em Porto Alegre, pois os movimentos literários e artísticos estabeleceram fortes vínculos com o regionalismo desde o século XIX. Seguindo a proposta dos suplementos do centro do país nos anos 1950, o *Caderno* abriu espaço para que em suas páginas fossem registrados o folclore e as tradições do gaúcho rural. Ele foi retratado em artigos sobre sua vestimenta, danças, sociabilidade, fixando sua imagem como mito fundador do RS. Esse espírito é simultâneo à expansão do tradicionalismo no estado com a disseminação dos Centros de Tradições Gaúchas.

Atualidade e memória

A referência temporal, por sua vez, mostra que a publicação atualiza assuntos do passado e do cânone por meio de efemérides e datas comemorativas e que dá importância para a produção recente⁵. Atualidade e historicidade se alternam na abordagem dos temas escolhidos, havendo, entretanto, uma ênfase na cultura contemporânea, visto que os anos 1960 são, entre todas as categorias, a que mais se sobressai.

Essa preocupação com a temporalidade aparece na análise de lançamentos próximos às edições do suplemento, no anúncio de exposições e peças teatrais em cartaz na cidade, enfim, em produtos culturais que poderiam ser consumidos pelos leitores. Exemplo dessa relação temporal são os ensaios sobre os recém-lançados *Cem anos de solidão*, livro de Gabriel García Márquez, e *Depois daquele beijo*, filme de Michelangelo Antonioni. Os textos sobre filosofia e política internacional também enfatizam assuntos em voga no período (o Existencialismo, no primeiro caso; a Primavera de Praga, no segundo). As efemérides têm espaço garantido no suplemento: a morte de Guimarães Rosa, bem como os aniversários desta, geraram artigos e poemas.

⁵ Os textos foram codificados pelo ano (1967, 1968 e 1969), pela década (quando esta fosse do século XX), ou pelo século a que faziam referência (século XIX e anteriores).

A abordagem da agenda de acontecimentos, contudo, em nada se parece àquela dos guias de entretenimento elaborados nas editorias contemporâneas de cultura. No *Caderno de Sábado*, o atual predomina em perspectiva expandida, sem maior compromisso com o calendário. Ao invés da simples divulgação de eventos e produtos, persegue o comentário e a análise em profundidade.

Frequentemente a memória era motivo para a seleção editorial. Se considerarmos que o lastro estético e cultural de um indivíduo se dá pela sua experiência e pela sua história, a intenção de subsidiá-lo neste percurso é percebida na retomada do passado como gancho para a escolha e a abordagem de temas: a história da música desde a Antiguidade, apresentada por Maria Abreu; a Revolução Russa, por A. R. Schnwider; e o passado pré-histórico e arqueológico do Rio Grande do Sul, por Mauro Côrte Real, são séries publicadas e que ilustram essa opção editorial. O *Caderno de Sábado* prepara seus leitores para que, com um olhar atravessado pela história, sejam capazes de colocar um livro em perspectiva no campo da literatura; um artista, no campo da produção plástica, e assim por diante. Memória e atualidade, portanto, se alternam e se combinam para que, tal como o suplemento, o leitor seja enciclopédico.

A enciclopédia como guia na formação cultural dos leitores

O ideal herdado dos iluministas Diderot e D'Alembert parece ter sido a principal referência para a definição do escopo e da missão do *Caderno de Sábado*. Os franceses, no século XVIII, pretendiam criar uma publicação em volumes que fosse capaz de conter o conhecimento humano existente até então. O suplemento surgido dois séculos depois não vai tão longe nesse ideal, mas ainda assim o expressa. As temáticas de cunho histórico e geográfico confirmam a pretensão de tornar-se uma enciclopédia. É o caso de artigos sobre a história da Grécia clássica, aspectos geográficos do Sudeste asiático e a definição das fronteiras sul-rio-grandenses. Essa meta é reforçada pela edição de índices semestrais com a separação dos textos por temáticas. Com uma indexação que se baseia na Classificação Decimal Universal das bibliotecas, o *Caderno de Sábado* se coloca como referência futura. A numeração mesma dos suplementos, a partir de 1968, indica a ambição de ser colecionado: cada edição recebe um número arábico sequencial que a identifica; e cada conjunto semestral de edições, um algarismo romano que as agrupa em um volume. Em um recuo histórico, podemos aproximá-lo do ideal de Monteiro Lobato ao editar a *Revista do Brasil* a partir de 1919. Segundo Chaga (2000), a revista se constituía em um índice para conhecer a história política, social e cultural do Brasil.

Se o jornalismo frequentemente é descrito como história à queima-roupa, o *Caderno de Sábado* pode ser classificado como uma enciclopédia feita também no calor dos fatos. No intuito de abarcar o conhecimento de seu tempo, retrata o movimento do campo cultural.

Se considerado uma enciclopédia em progresso, o *Caderno de Sábado* é a reunião do conhecimento recentemente produzido. No contexto de sua produção, o suplemento tinha a atualidade como valor. Se olhado hoje, adquire novo sentido: é registro histórico, material de consulta. Em uma leitura feita 40 anos depois da publicação, a sensação que se tem é de que fora pensado para durar, para atravessar as décadas e fugir da lógica de tempo curto do jornalismo. Simbolicamente, o *Caderno de Sábado* é uma enciclopédia que nasceu antes de seu tempo – pois elas costumam tratar de temas do passado – e mais tarde – quando já encadernada em volumes semestrais – aproxima-se do modelo enciclopédico típico. Os volumes dos primeiros anos de circulação reúnem boa parte da movimentação cultural do fim da década de 1960.

Para aferir a perenidade do suplemento, basta dizer que muitas séries de textos veiculados nele acabaram sendo reeditadas como livros, tais como os de Francisco Riopardense de Macedo sobre o processo de urbanização de Porto Alegre e a história do parque da Redenção. Também há temas que tiveram no *Caderno* a única possibilidade de circulação e registro, como alguns assuntos apresentados pelo folclorista João Carlos Paixão Côrtes.

Por parte do público, esse caráter enciclopédico gerava uma relação particular e afetiva com o suplemento. Colecioná-lo era um testemunho de ilustração, uma forma de objetivar o gosto pela cultura por meio da posse dessa enciclopédia de saberes. O *Caderno de Sábado*, como recorda o poeta Armindo Trevisan (2008), era a “atualização da pessoa culta”, uma “panorâmica do que estava acontecendo no estado, no Brasil e até fora”.

A temática do *Caderno de Sábado* demonstra sua pretensão de abranger as diferentes áreas de conhecimento. Essa diversidade, no entanto, é marcada por restrições que a aproximam da produção cultural canônica. Há uma predominância do que se produziu no passado e já passou por seu período de legitimação. A música erudita europeia do século XIX e anteriores, a arte figurativa de fundo Modernista, os escritores já notórios por sua produção e a importância dada ao patrimônio histórico e artístico são exemplos desse critério editorial.

Em relação à produção da época, o engajamento político ou estético são valores que definem as escolhas temáticas. Essa postura parece contradizer o conservadorismo ideológico geralmente associado à postura do *Correio do Povo* durante o período ditatorial brasileiro (1964-1985). José Hildebrando Dacanal (2008), que atuava na redação do jornal, explica a posição do diário pela própria história de seu diretor: “Breno Caldas pertencia a uma velha geração [...] e não criava conflito, não entrava diretamente em confronto, mas pessoalmente defendia seus jornalistas”. No entanto, Dacanal enfatiza que havia autocensura por parte dos profissionais vinculados ao jornal, ainda que por vezes houvesse brechas para a veiculação de ideias que contradissem de alguma forma a ordem vigente. É por essa razão que música e teatro engajados política e esteticamente aparecem no *Caderno de Sábado*. As montagens do grupo vinculado ao Teatro de Arena de Porto Alegre ganharam repercussão. Eram peças que chocavam com a visão imposta

pelo regime, seja pelo viés político, estético ou simplesmente contestatório da moral vigente. No caso da música, valorizou-se a canção apresentada nos festivais, tais como as composições contestatórias de Chico Buarque.

Também recebem espaço no suplemento os produtos culturais que têm caráter artístico e autoral pronunciado, ainda que vinculados à produção massiva. O caso do cinema é exemplar: aparecem na publicação filmes de diretores reconhecidos pelo seu experimentalismo, como Michelangelo Antonioni, Stanley Kubrick e Alain Resnais. A autoria, a permanência no tempo – o clássico – e o engajamento político e estético eram, portanto, características decisivas para selecionar a produção artística que ganharia espaço na publicação.

Considerações finais

Herdeiro dos suplementos surgidos no Brasil nos anos 1950, o *Caderno de Sábado* apareceu no final da década seguinte como uma proposta um pouco diferente de seus antecessores. É possível identificar no periódico sul-rio-grandense o equilíbrio entre o noticioso e a divulgação de ideias, tanto de temas do passado quanto de vanguardas artísticas recentes e que ainda lutavam por consagração. Essa opção editorial pode ser justificada pela proposta formadora do *Caderno* em sua gênese. Ter cultura, então, envolvia estar atento ao que acontecesse no campo da produção cultural e participar do processo de legitimação e do debate sobre novas ideias, mas também pressupunha memória. O suplemento do *Correio do Povo* estabeleceu-se como um suplemento nos moldes de seus antecessores, ainda bastante distante da dinâmica das indústrias culturais e de um modelo de jornalismo pragmático – guia de serviço e produtos – que passou a ser paulatinamente gestado a partir do final dos anos 1960.

O *Caderno de Sábado*, ao cruzar o ideal formador iluminista e a noção romântica de cultura como elevação do espírito, posicionou-se, em sua gênese, como uma enciclopédia que formaria os leitores pelo contato com o melhor da produção intelectual e artística de seu tempo, sem perder de vista a perspectiva histórica. No discurso sobre si mesmo, o suplemento deixava claro que não era nem o começo nem o fim do processo de ilustração. Em termos ideais, dirigia-se a um leitor iniciado e permanentemente ocupado com o seu aprimoramento estético e com o acúmulo de saberes que pertencem ao escopo da cultura geral. Era, pois, uma proposta divergente daquelas dos periódicos atuais. Nos últimos 50 anos, os suplementos reduziram significativamente a ênfase e a expressão literária e mantêm-se, em geral, sintonizados e pautados pelos lançamentos do mercado editorial e pela agenda de lançamentos de bens culturais.

Idealizado para ser guardado, adquirindo uma função social semelhante à do livro em um momento histórico em que este ainda permanecia como principal meio de formação

cultural, o *Caderno* se constituiu naquilo que Faro (2003) define como um “espaço público de produção intelectual”. O suplemento participou da formação dos campos da produção cultural e acadêmica em Porto Alegre, dialogando por mais de uma década com setores das letras, artes e humanidades. É claro que essa nobre missão cultural está vinculada à própria natureza do *Correio do Povo*, que até os anos 1980 foi um jornal de prestígio no Rio Grande do Sul e também no Brasil. Por meio do seu encarte, o jornal também soube se apropriar do poder simbólico advindo dos campos da produção cultural, colocando-se como lugar de convergência do melhor da cultura local e espaço de ressonância intelectual do que se produzia de relevante país e no mundo nesta área.

No contexto contemporâneo, o jornalismo se relaciona de maneira diferente com a produção intelectual e artística: a possibilidade de circulação ampla tornou-se o objeto de desejo dos agentes do campo cultural. Não há, portanto, um foco na formação do leitor. Mais do que a presença em um suplemento, o interesse dos produtores – tanto artistas quanto jornalistas – centra-se na abrangência da publicação. Nesse sentido, o jornalismo cultural não cumpre com tanta relevância o papel de “rede de sociabilidade”, de lugar onde se instaura o debate. Ele reforça, sim, a força e a condição de intermediário, de veículo de divulgação. A amplitude da circulação é elemento decisivo para a visibilidade e legitimação das obras de arte e cultura.

Pela repercussão do trabalho desenvolvido no suplemento, o *Correio do Povo* recebeu, em 1979, o prêmio Jabuti na categoria “melhor crítica e/ou noticiário literário (jornais)”⁶. O reconhecimento nacional veio em um período em que a crise financeira já começava a rondar a Empresa Jornalística Caldas Júnior. Essa distinção aponta, no entanto, a relevância nacional do *Caderno de Sábado* e o quanto este suplemento marcou época no sul do país como referência na formação cultural de mais de uma geração de leitores. Até hoje ele permanece no imaginário porto-alegrense como um espaço que, na opinião de muitos, ainda continua vago.

Transcendendo a experiência histórica específica, verifica-se no *Caderno de Sábado* o ideal ilustrado da gênese do jornalismo cultural, um contraponto às práticas contemporâneas que exacerbam o produto e o consumo. Ao contrário da proposta de formação cultural por meio de longos textos analíticos assinados por especialistas, configura-se hoje uma tônica editorial que privilegia a multiplicidade de ofertas, a profusão de imagens e textos curtos, pressupondo pouca disposição e tempo para leitura, e que constitui uma prática essencial do campo da produção cultural. Se antes cabia ao leitor colecionar os exemplares, fazendo do suplemento um referencial enciclopédico, agora compete a ele escolher e consumir dentro de um tempo presente e veloz.

⁶ Em 1970, o crítico literário José Fonseca Fernandes, do *Correio do Povo*, recebeu o mesmo prêmio, mas individualmente. De acordo com o site oficial do Prêmio Jabuti. Disponível em: <<http://www.cbl.org.br/jabuti/telas/edicoes-antiores/>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

Referências

- ABREU, Alzira Alves. (1996) Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____; MATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. (orgs.) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas. p. 13-60.
- BARDIN, Laurence. (2004) *Análise de conteúdo*. 3.ed. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- BOURDIEU, Pierre. (2007) *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk.
- CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. (2000) *Rapsódia de uma década perdida: o Folhetim da Folha de S.Paulo (1977-1989)*. 2000. Tese (Doutorado em Literatura)– Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.
- DACANAL, José Hildebrando. (2008) *José Hildebrando Dacanal: depoimento* [out. 2008]. Entrevistador: Everton Terres Cardoso. Porto Alegre.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. (1997) *Correio do Povo: história e memórias*. Passo Fundo, RS: Ediupf.
- EAGLETON, Terry. (2005) *A idéia de cultura*. São Paulo: UNESP.
- FARO, J.S. (2003) *Jornalismo cultural: espaço público da produção intelectual*. São Bernardo do Campo. Disponível em: <www.jsfaro.pro.br/downloads/projeto%20jornalismo%cultural.doc>. Acesso em: 16 jan. 2006.
- GASTAL, P. F. (1996) *Cadernos de cinema de P. F. Gastal*. Porto Alegre: Unidade Editorial.
- GIANUCA, Renato. (2008) *Renato Gianuca: depoimento* [ago. 2008]. Entrevistador: Everton Terres Cardoso. Porto Alegre.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. (1996) *Manual de história oral*. São Paulo: Ed. Loyola.
- MORETZSOHN, Sylvia. (2007) *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan.
- NUNES, Benedito. (1985) A visão romântica. In: GUINSBURG, J. *O Romantismo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva. p. 51-74.
- RÜDIGER, Francisco. (2003) *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS.
- SANTIAGO, Silvano. (2004) *O cosmopolitanismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG.
- SILVA, Wilsa Carla Freire da. (1998) *Cultura em pauta: um estudo sobre o Jornalismo Cultural*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)– Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 1998.
- SÜSSEKIND, Flora. (2003) *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- TRAVANCAS, Isabel. (2001) *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- TREVISAN, Armindo. (2008) *Armindo Trevisan: depoimento* [dez. 2008]. Entrevistador: Everton Terres Cardoso. Porto Alegre.
- WILLIAMS, Raymond. (2000) *Cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra.

EVERTON TERRES CARDOSO é jornalista, mestre em Comunicação e Informação, e professor da Faculdade de Comunicação da Unisinos.

cardoso.everton@hotmail.com

CIDA GOLIN é jornalista, doutora em Letras e professora do Departamento de Comunicação da FABICO/UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da FABICO/UFRGS.

cidago@terra.com.br

*Artigo recebido em julho
e aprovado em outubro de 2009.*